

OFICINA PEDAGÓGICA

POLÍTICAS PRÁTICAS **DOCENTES:**
INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM
AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR

Lucas Lima Teixeira
Ivanete da Rosa Silva de Oliveira



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE.



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

ORIGEM DE PRODUTO: Trabalho de dissertação “POLÍTICAS PRÁTICAS
DOCENTES: INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM AUTISMO NO ENSINO
SUPERIOR”

ÁREAS DE CONHECIMENTO: Ensino em Saúde

CATEGORIA: Proposta de ensino na forma de oficina pedagógica.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL: Oficina

FINALIDADE: Promover participação ativa em uma oficina como proposta de formação continuada para profissionais do Ensino Superior com o intuito de adquirir reflexão sobre as práticas desenvolvidas com discentes com Autismo – TEA.

PÚBLICO-ALVO: Docentes que atuam no Ensino Superior.

AVALIAÇÃO DO PRODUTO: Docentes que compuseram a Banca de Qualificação e Defesa da Dissertação e participantes da pesquisa.

DISPONIBILIDADE: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais bem como a proibição do uso comercial do produto.

DIVULGAÇÃO: Em formato digital.

INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA: Centro Universitário de Volta Redonda/UniFOA

IDIOMA: Português.

CIDADE: Volta Redonda

País: Brasil

AUTORES:



Lucas Lima Teixeira

lucas.teixeira@foa.org.com.br



Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

ivanete.oliveira@foa.org.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
OBJETIVOS:	7
OBJETIVO GERAL:	7
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	8
PÚBLICO-ALVO:	8
NÚMERO DE PARTICIPANTES	8
LOCAL E MATERIAIS.....	8
TEMPO DE DURAÇÃO	8
PERCURSO METODOLÓGICO	9
ROTEIRO DA OFICINA	19
I. Apresentação	19
Por que Políticaspráticas?	21
II. Diálogo entre Boaventura e Nilda Guimarães	22
III. O pensamento abissal e a invisibilização do TEA no Ensino Superior	24
IV. Lei Brasileira De Inclusão	26
V. Quem São Os Discentes Com TEA?	28
VI. Mitos	29
VII. TEA em Sala De Aula.....	31
VIII. Capacitismo? Agora, não!.....	32
IX. Práticas de Inclusão	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

APRESENTAÇÃO

O presente produto educacional é fruto da pesquisa intitulada “POLÍTICAS PRÁTICAS DOCENTES: INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR”. O estudo se desenvolveu enredado à dissertação de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA.

A pesquisa investigou as *políticas práticas*¹ desenvolvidas pelos docentes que possuem discentes com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, sendo realizada no Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, município de Volta Redonda, no interior do Estado do Rio de Janeiro.

A referida investigação junto aos docentes e discentes possibilitou acompanhar as *políticas práticas* desenvolvidas no cotidiano dos cursos de Medicina, Design, Engenharias, Direito e Jornalismo, bem como os modos de *usar/fazer* os processos de aprendizagem ensino², caracterizando uma maneira singular de construir o currículo praticado na instituição.

O produto educacional desenvolvido compreende uma Oficina Pedagógica como proposta de formação continuada para docentes que atuam no Ensino Superior especificamente com a inclusão destinada a Educação Especial.

A opção pela oficina se aproxima das ideias de Anastasiou e Alves (2015) que entendem ser essa estratégia metodológica um espaço dinâmico que

¹ A opção pela junção das palavras se deve pela lógica estabelecida pela professora Inês Barbosa de Oliveira (2013, p. 376) que considera ser “importante marcar a opção epistemológica pela ideia de que não há prática que não integre uma escolha política e que não há política que não se expresse por meio de práticas e que por elas não seja influenciada. Ou seja, o tema das políticas educacionais e das práticas cotidianas fica mais bem expresso como ‘políticas práticas educacionais cotidianas’, sem separação, sem a pressuposição de que são coisas diferentes”.

² Para a professora Nilda Alves (2008, p. 11) “a junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade”, portanto, neste trabalho, optamos por grafar algumas palavras a partir de sua junção pela aproximação que realizamos ao referencial teórico estabelecido pela autora: as pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

permite a construção e reconstrução de saberes, visto que, permite uma relação horizontalizada entre os participantes.

Na elaboração da oficina nos amparamos na lógica problematizadora conforme nos propõe Freire (1987). A oficina foi construída com enfoque na educação problematizadora embasadas na abordagem *freireana*, estimulando o diálogo, a reflexão e a construção coletiva do conhecimento como estratégias de intervenção e transformação social.

Outro aspecto relevante da oficina é a proposição de uma educação que visa à formação de cidadãos, críticos, conscientes e engajados, que possam compreender e contribuir para a transformação da sua realidade. Assim, a oficina constitui um movimento de aprofundamento de saberes e transformação social por meio da consciência crítica.

A aplicação do produto foi realizada junto com profissionais do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, que atuam no CAIP com atendimentos aos discentes com TEA.

OBJETIVOS:

OBJETIVO GERAL:

Promover situações que possibilitem a ampliação das competências inclusivas dos professores universitários para criar ambientes de aprendizagem, adotando *políticaspráticas* pedagógicas que atendam às necessidades específicas de estudantes com TEA.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Discutir as características e especificidades do espectro autista e suas implicações na aprendizagem do ensino superior.
- b) Refletir sobre a importância da escuta ativa no desenvolvimento de práticas junto aos estudantes com TEA.
- c) Promover experiências pedagógicas inclusivas para docentes favorecendo a criação de processos de *aprendizagemensino* para estudantes com TEA.
- d) Promover a cultura da construção coletiva em redes interdisciplinares e interprofissional na comunidade acadêmica no intuito de construir relações ecológicas em relação à neurodiversidade.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

PÚBLICO-ALVO:

Docentes atuantes no Ensino Superior, tais como docentes do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA.

NÚMERO DE PARTICIPANTES

Na intenção de obter qualitativamente um maior aproveitamento das atividades da oficina, propomos entre 10 a 15 participantes.

LOCAL E MATERIAIS

Esta oficina foi projetada para ser realizada em uma sala presencial do contexto universitário. Estima-se que seja necessário: computador ou dispositivo para exposição de slides, conexão de rede wi-fi, Datashow ou televisão e folhas.

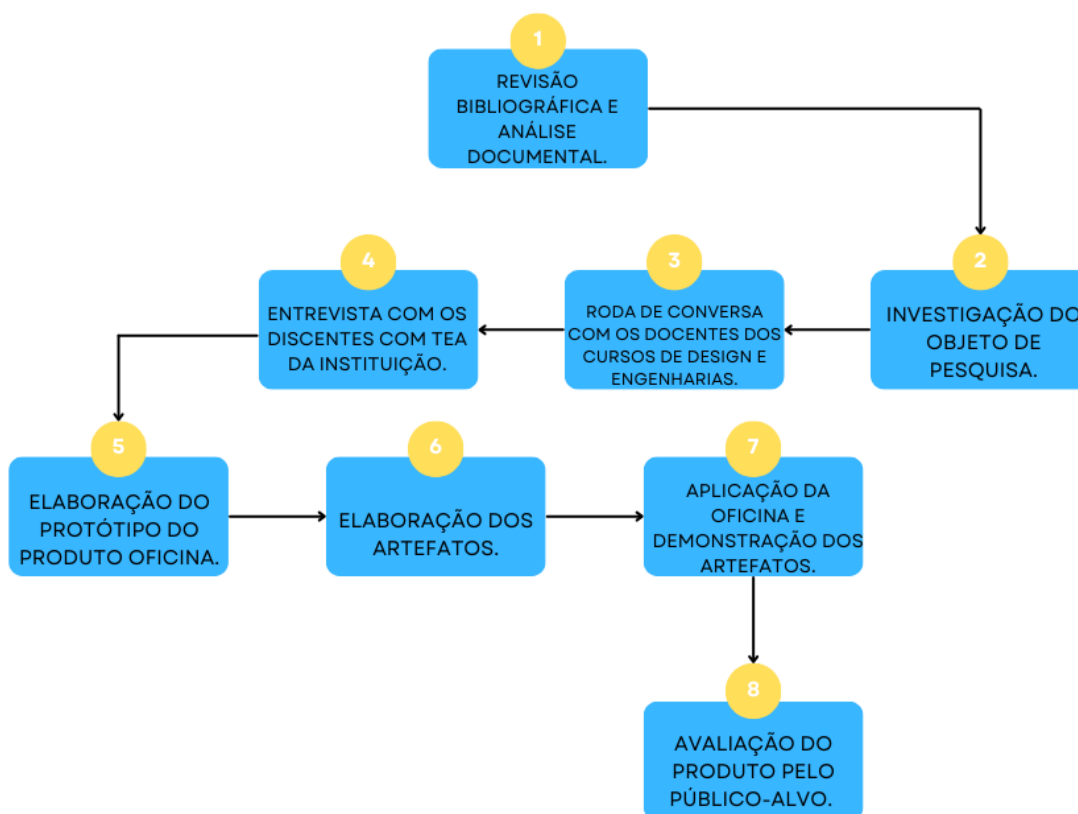
TEMPO DE DURAÇÃO

A atividade foi planejada para ter a duração de dez horas/aulas. Sendo 08h/a na modalidade remota e 02h/a para a roda de conversa no formato presencial.

PERCURSO METODOLÓGICO

A elaboração da oficina pedagógica passou por oito etapas: revisão bibliográfica e análise documental; investigação do objeto de pesquisa; roda de conversa com os docentes dos cursos de Design e Engenharias; entrevista com os discentes com TEA da instituição, elaboração do protótipo do produto oficina, elaboração dos artefatos, aplicação da oficina e demonstração dos artefatos; avaliação do produto pelo público-alvo, conforme disposto na Figura 1, a seguir.

Figura 1: Percurso Metodológico



Fonte: Elaborado pelos autores

Durante a roda de conversa com os docentes do UniFOA, fomos instigados a elaborar como produto educacional um material didático no formato de oficina pedagógica. Tal proposição intencionou a ampliação do diálogo e compartilhamento das experiências com profissionais do Ensino Superior sobre

a especificidades do TEA, bem como a criação de um artefato na forma de instrumento de sondagem pedagógica para expor práticas pedagógicas com discentes diagnosticados com autismo.

A pesquisa de mestrado que originou o produto educacional teve seu percurso metodológico pautado no campo investigativo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, conforme ilustração na figura 2, a seguir:

Figura 2 – Metodologia da Pesquisa

Autores que fundamentam as pesquisas nos/dos/com o cotidiano.



Fonte: Elaboração pelos autores.

A escolha pela oficina está alinhada com as ideias de Anastasiou e Alves (2015), que veem essa estratégia metodológica como um espaço dinâmico, propício à construção e reconstrução de saberes, ao promover uma relação mais horizontal entre os participantes. Nesse sentido, Paviani e Fontana (2009, p. 78) destacam que a oficina é uma "forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem, no entanto, perder de vista a base teórica."

Santos (2002) concebe o mundo como dividido entre realidades sociais distintas, estabelecidas em polos visíveis e invisíveis. Essa cisão abrange duas polaridades: o "Norte", associado à ação colonizadora, e o "Sul", que representa a produção da não-existência, ou seja, os grupos marginalizados e silenciados pela sociedade dominante. A partir dessa divisão, surge a dicotomia entre o visível e o invisível, e o conceito de abissal é utilizado para descrever o que está na profundidade, na escuridão das águas, representando aqueles que não possuem visibilidade nem reconhecimento. Santos (2007) afirma que "a negação

de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para que a outra parte da humanidade se afirme como universal."

Dentro dessa lógica, o "Sul" é o território da exclusão, onde as experiências, saberes e vivências são desqualificados e ignorados por serem considerados inferiores ou atrasados (Santos, 2007). Nesse cenário, a universidade assume um papel paradoxal: enquanto se posiciona como responsável pela promoção do conhecimento, muitas vezes oculta os processos de exclusão que perpetua.

Santos (2003) propõe que devemos lutar pela igualdade quando a diferença nos discrimina, e pela diferença quando a igualdade nos descaracteriza. Nesse sentido, a sociedade deve buscar a igualdade para aqueles invisibilizados pelo sistema colonizador, reconhecendo que a inclusão na universidade não deve ser vista como um favor ou merecimento, mas sim como um direito conquistado por meio de intensas lutas sociais. Não podemos nos deixar cair na armadilha de discursos meritocráticos ou capacitistas, que negam o direito à educação a grupos marginalizados.

É necessário, conforme Santos (2010), ultrapassar o pensamento abissal e reconhecer outras formas de ser e estar no mundo. Isso implica não apenas a valorização da pessoa com necessidades especiais, mas também o reconhecimento de suas histórias, contribuições e saberes. No entanto, as universidades ainda operam dentro de um modelo eurocêntrico, que privilegia a ciência moderna e a alta cultura, marginalizando os saberes que não se alinham a esse paradigma (Bellei, 2006).

A universidade, assim, contribui para a manutenção de uma monocultura do saber, que desqualifica e invisibiliza formas alternativas de conhecimento. Santos (2010) destaca que, enquanto a ciência moderna e a alta cultura se estabelecem como as únicas fontes legítimas de saber, tudo o que não se encaixa nesse modelo é visto como ignorância ou incultura. Ele aponta que essa lógica é uma das formas mais poderosas de produção da não-existência, promovendo a exclusão e a marginalização de outros saberes e práticas culturais.

A proposta de Santos (2010) de um pensamento pós-abissal visa romper com essa lógica excludente. O pensamento pós-abissal parte do princípio de que o mundo é epistemologicamente plural, e que a ciência não é a única forma válida de conhecimento. A ideia de uma ecologia dos saberes propõe o reconhecimento e a valorização dos saberes locais, como os conhecimentos tradicionais de camponeses e indígenas, que são fundamentais para a preservação da biodiversidade e para a construção de práticas sustentáveis de convivência com o meio ambiente.

No contexto do Ensino Superior, esse debate ganha relevância ao se pensar na inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A questão que se coloca é se é possível romper com a lógica capacitista e reconhecer os saberes produzidos por essas pessoas, e se os docentes da educação superior têm algo a aprender com as experiências desses estudantes. Acredita-se que as experiências dos estudantes com TEA constituem saberes importantes que podem influenciar as práticas pedagógicas no Ensino Superior, impactando as políticas educacionais e as relações dentro das instituições. Esses saberes, longe de serem considerados apenas como necessidades de adaptação, devem ser vistos como contribuições valiosas para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e diverso.

Em síntese, a proposta da ecologia dos saberes e o pensamento pós-abissal nos levam a repensar as práticas pedagógicas na universidade, buscando uma educação que, em vez de excluir, reconheça e valorize as diferentes formas de conhecimento e as experiências dos diversos grupos sociais. A inclusão no Ensino Superior deve ser entendida como um direito que deve ser garantido a todos, sem que se recorra a discursos de superioridade ou inferioridade baseados em uma concepção única de saber. A verdadeira transformação da universidade passa pelo reconhecimento da pluralidade epistemológica e pela valorização das experiências e saberes dos estudantes, especialmente daqueles que, historicamente, foram invisibilizados.

Alves (2008a) apresenta alguns movimentos que permitem decifrar as lógicas dos cotidianos. O primeiro, denominado "sentimento do mundo" (p. 18), refere-se à necessidade de um mergulho profundo nos cotidianos, buscando compreender algo além do que a visão imediata nos oferece. Para pesquisar e

vivenciar os cotidianos, é essencial ultrapassar essas limitações, “executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar” (p. 42). Neste sentido, no que se refere a formação de professores, é necessário estar mergulhado nas questões que são apresentadas no cotidiano da sala. De outro modo, Rezende (2019), nos chama a atenção para o fato de que a formação docente precisa estar embasada em teorias que sustente ou se aproxime da sociedade atual. Embora cada autista tenha sua subjetividade, os estudos auxiliam para compreender melhor o cenário ou a realidade em que eles estão inseridos.

O segundo movimento, “virar de ponta-cabeça” (p. 23), propõe uma subversão das teorias já estabelecidas, aquelas que foram aprendidas e aceitas como verdades imutáveis. A proposta é que as múltiplas fontes teóricas sejam vistas como hipóteses a serem testadas, e não como certezas a serem confirmadas, uma vez que o cotidiano se reinventa constantemente a cada nova ação. Neste sentido, a cada aula, um novo cotidiano é alcançado, assim, mediante aos desafios estar sempre embasado para questões que vão surgindo torna essa formação mais eficaz. Nesse sentido, Pineau (2006) identifica três processos formadores: heteroformação, ecoformação e autoformação. Para o autor, a heteroformação é um processo centrado em uma concepção estática ou determinada no tempo e no espaço, sendo, em sua maioria, conduzido por especialistas. A ecoformação, por sua vez, é definida como “uma formação atravessada nos/dos/com os espaços que experienciamos”. Por fim, a autoformação, segundo Pineau, é fundamentada nas histórias de vida e na interseção entre a heteroformação e a ecoformação, configurando-se como um movimento contínuo e autônomo em relação ao próprio processo formativo.

O terceiro movimento, “beber de todas as fontes” (p. 27), sugere a ampliação do conceito de conhecimento, abrindo espaço para tudo o que é percebido, sentido e narrado. Assim como os cotidianos se formam a partir da diversidade e das diferenças entre os sujeitos e suas relações, as fontes de conhecimento que permitem estudar sua complexidade também serão diversas. No cotidiano de sala de aula, inúmeras situações emergem, com o movimento de beber as fontes, o docente, atrelado a uma perspectiva de Ginzburg (1989), será o mergulhador, para aprofundar nas questões que são apresentadas.

Nesse contexto, Gomes e Barbosa (2006) destacam que a falta de conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com TEA dificulta o desenvolvimento de ações educativas eficazes e a revisão das práticas pedagógicas necessárias para efetivar o processo de inclusão. Eles argumentam que é preciso ir além da simples facilitação do acesso da pessoa com autismo ao Ensino Superior, garantindo, de fato, sua inclusão plena na vida acadêmica. Caso contrário, continuaremos operando dentro dos limites impostos pela racionalidade moderna, que estabelece uma única forma de aprendizado e contribui para a perpetuação da injustiça cognitiva global (Santos, 2007).

O quarto movimento, “narrar a vida e literaturizar a ciência” (p. 30), propõe uma forma inovadora de registrar e escrever os objetos de pesquisa, de modo que esse registro se torne uma verdadeira ponte entre os praticantes do cotidiano. Ao narrar, o escritor se envolve com o que narra. A importância das narrativas nas pesquisas sobre os cotidianos destaca a multiplicidade de informações que elas contêm, trazendo para o presente momentos e sentimentos que viveram ou ainda vivem nas redes de sujeitos que compõem cada prática cotidiana. Em uma perspectiva de formação continuada, quando o docente escreve aquilo que ele presencia em sala, tornará público e auxiliará outros que possam estar mergulhados e dispostos a beber da fonte. Mesmo Cunha, Brito e Cicillini (2006) discutindo que no ensino superior existe ausência de formação pedagógica para os professores que atuam com autismo, é notório perceber a importância do quarto movimento. Para Canal (2021), a qualificação deve ser entendida como um processo compartilhado, no qual, por um lado, é responsabilidade do professor buscar seu próprio desenvolvimento formativo, enquanto, por outro, a instituição tem o dever de oferecer oportunidades para a formação docente. No entanto, a autora observa que muitos professores tendem a culpabilizar a instituição, utilizando essa justificativa como uma maneira de evitar a busca pela qualificação. Superando essa discussão, é importante destacar que, independentemente de quem detém a responsabilidade, a falta de qualificação comprometerá o processo de aprendizagem, uma vez que a prática docente se empobrece, dificultando a implementação de ações educativas que favoreçam o aprendizado de estudantes com TEA.

O quinto movimento, "ecce femina" (ALVES, 2008b, p. 46), aborda a existência e os sentimentos dos praticantes que emergem a cada acontecimento narrado e que, muitas vezes, escapam à objetividade do pesquisador. Alves (2008b, p. 46) explica que "o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes". Compreender o que construímos por meio da investigação é possível apenas através das linguagens dos outros. Nesse sentido, Von Foerster (1996, p. 73) afirma que "a única maneira de vermos a nós mesmos é vermo-nos pelos olhos dos demais".

Ginzburg (1989, p. 144) propõe uma reflexão acerca da importância dos detalhes nas narrativas, afirmando que é necessário "examinar os pormenores mais negligenciáveis". Para ele, esses pormenores, muitas vezes tidos como insignificantes, podem revelar indícios valiosos e fundamentais para uma compreensão mais profunda do que está sendo narrado. Dessa maneira, é crucial manter uma atenção aguçada a cada detalhe, para evitar a impercepção e a perda de informações que podem ser essenciais.

O autor se apropria das ideias de Morrelli para expandir sua concepção de indícios, que ele define como signos pictóricos. Isso significa que, ao analisar uma imagem ou um relato, é preciso ir além do que está visível à primeira vista, adotando um olhar atento aos elementos que podem passar despercebidos. Essa análise cuidadosa dos detalhes permite um entendimento mais completo e profundo do objeto em estudo.

Além disso, Ginzburg faz uma reflexão histórica sobre as habilidades do homem caçador, que, em suas atividades, precisou desenvolver estratégias como farejar, registrar, interpretar e classificar pistas minuciosas, como fios de barba, para encontrar sua presa (p. 151). Nesse sentido, ao analisar as narrativas presentes nas falas dos docentes, o pesquisador assume uma postura similar à do caçador: ele deve ser capaz de farejar, registrar e interpretar os indícios que emergem nas falas e ações dos sujeitos em estudo.

Portanto, com a oficina pedagógica com as falas e experiências, trabalharemos na lógica de um "caçador" de pistas, que precisa decifrar os sinais, muitas vezes sutis, que aparecem nas narrativas. Esse processo envolve uma prática contínua de análise, comparação e classificação dos indícios, o que,

conforme Ginzburg (1989), exige uma execução minuciosa e envolvida na busca pela compreensão mais profunda dos fenômenos estudados (p. 152-153).

Quadro 1 – Organização da Oficina

MOMENTO	ETAPA	TEMÁTICA	RECURSOS DIDÁTICO	TEMPO
VISUALIZANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA.	1	- APRESENTAÇÃO DA OFICINA - POR QUE <i>POLÍTICAS PRÁTICAS</i> ?	- Apresentação da oficina; - Texto: A COMPREENSÃO DE POLÍTICAS NAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS: PARA ALÉM DOS PROCESSOS DE REGULAÇÃO - Vídeo: Cotidianos com Nilda Alves Inventando Historias (Episódio Especial) - Atividade de Compreensão: Palavras Cruzadas: <i>Políticas práticas.</i>	1h/a
	2	- DIÁLOGO ENTRE BOAVENTURA E NILDA GUIMARÃES	- Texto: REFLEXÕES QUE TRAMAM A TEORIA DE NILDA ALVES: PENSAR OS COTIDIANOS, PRODUÇÃO DE SENTIDOS, REDES EDUCATIVAS E ARTEFATOS NOS COTIDIANOS. - Caça-palavras: Diálogos Nilda Alves	1h/a
MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA	3	- O PENSAMENTO ABISSAL E A INVISIBILIZAÇÃO DO AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR	- Texto: DESAFIOS DA INCLUSÃO: A INVISIBILIDADE DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR - Vídeo: EPISTEMOLOGIAS DO SUL resumo do pensamento de Boaventura de Sousa Santos -	1h/a

	4	- LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO	<p>- Texto: LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA).</p> <p>- Vídeo: Conheça os principais aspectos da Lei Brasileira de Inclusão</p>	1h/a
	5	- QUEM SÃO OS DISCENTES COM TEA?	<p>- Texto: ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: ANALISANDO DADOS DO INEP</p> <p>- Vídeos. O que é TEA?</p>	1h/a
	6	- MITOS	<p>- Texto: DISCUTINDO MITOS E VERDADES SOBRE O AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PALESTRA PARA COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA</p> <p>- Vídeo: Esclarecimentos sobre TEA.</p> <p>- Leitura Complementar I: Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e a Teoria Ator-Rede: uma Cartografia de Controvérsias</p> <p>- Leitura Complementar II: Por que é mentira que vacinas causam autismo? Conheça a história por trás desse mito</p>	1h/a

	7	- TEA EM SALA DE AULA	<p>- Texto: DESAFIOS DA INCLUSÃO: A INVISIBILIDADE DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR</p> <p>- Vídeo: Ensino superior para autistas [PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS]</p>	1h/a
	8	- CAPACITISMO? AGORA, NÃO!	<p>- Texto: O QUE É CAPACITISMO E POR QUE TODOS DEVERIAM SABER.</p> <p>- Vídeo: Afinal, o que é capacitismo?</p>	1h/a
	9	<p>PRÁTICAS DE INCLUSÃO: (Roda de conversa)</p> <p>- ABERTURA</p> <p>- DINÂMICA NUVEM DE PALAVRAS ON-LINE</p> <p>- PLANEJAMENTO DAS AULAS;</p> <p>- ORGANIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES;</p> <p>- DISCUTINDO OS COMPORTAMENTOS EM SALA;</p>	<p>- Dinâmica Nuvem de palavras on-line.</p> <p>- Roda de conversa.</p> <p>- Avaliação pelo formulário e QR.</p>	2h/a

Fonte: Elaborado pelos autores

ROTEIRO DA OFICINA

I. APRESENTAÇÃO

Na primeira etapa do momento “visualizando as peças do quebra-cabeça”, para início da apresentação, será compartilhada na plataforma Sway um layout geral de como será a realizada a oficina.

Quadro 2: Resumo da Etapa 1

APRESENTAÇÃO		
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).		
TÓPICOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Apresentação	Leitura Individualizada.	Celular ou tablet. Internet Dispositivo Eletrônico
Apresentação dos objetivos da oficina e da pesquisa do mestrado.	Leitura Individualizada.	
Preenchimento do Termo de Consentimento Livre e esclarecido. (on-line)	Link do Google Forms.	

A fase de apresentação da oficina, com duração estimada de uma hora-aula e realizada em formato remoto, tem como objetivo acolher os participantes e introduzir a proposta formativa. Esta etapa contempla três ações principais: a apresentação da oficina e da pesquisa de mestrado, a exposição dos objetivos

gerais da formação, e o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Cada uma dessas ações será conduzida de forma individualizada, por meio da leitura de materiais previamente organizados e disponibilizados em formato digital. A opção pela leitura individual busca respeitar os diferentes tempos e ritmos de aprendizagem dos participantes, favorecendo uma ambientação mais autônoma e reflexiva.

Para garantir a acessibilidade e a viabilidade da atividade, os participantes utilizarão dispositivos eletrônicos com acesso à internet, como celulares, tablets ou computadores. O TCLE será disponibilizado por meio de um link da plataforma Google Forms, assegurando que todos os aspectos éticos da pesquisa sejam devidamente observados. Essa etapa inicial é fundamental para promover o engajamento consciente dos participantes, esclarecer os propósitos da oficina e garantir a adesão ética à investigação proposta, constituindo, assim, o ponto de partida para o percurso formativo que será desenvolvido ao longo da oficina.

O acesso ao site pode ser realizado por meio do seguinte link, bem como pelo QR code disponibilizado: <https://sway.cloud.microsoft/gps9B6dTw7k5WjMI?ref=Link>. Esses recursos foram planejados para facilitar a navegação e proporcionar uma experiência acessível e prática aos participantes da oficina pedagógica.



POR QUE *POLÍTICAS PRÁTICAS*?

Ainda no momento “visualizando as peças do quebra-cabeça”, prosseguirá sendo disponibilizado um texto de referência e um vídeo, explicando o porquê da junção de palavras, como por exemplo a noção de “*políticaspráticas*”, conforme apresentado no Quadro 4, a seguir:

Quadro 3: Resumo da Etapa 1

POR QUE <i>POLÍTICAS PRÁTICAS</i> ?				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Esclarecer quanto ao título da Pesquisa ser grafada por meio de junção de termos.	Exploração do conceito de “ <i>Políticaspráticas</i> ” e sua relevância na promoção da inclusão de estudantes com TEA.	Discussões quanto os desafios e oportunidades para implementação de políticas inclusivas.	Leitura Individualizada.	Dispositivo Eletrônico.

Elaborado pelos autores

A etapa da oficina, intitulada *Porque políticaspráticas?* tem duração estimada de uma hora-aula e será conduzida de forma remota e individualizada. Essa etapa tem como objetivo aprofundar a compreensão do conceito que dá nome à pesquisa, enfatizando a intencionalidade na escolha da grafia por justaposição dos termos *políticas* e *práticas*, formando a expressão *políticaspráticas*. Essa construção conceitual surge da necessidade de superar a dicotomia entre teoria e prática, evidenciando a inseparabilidade entre as normativas institucionais e as ações concretas realizadas no cotidiano educacional.

A abordagem conceitual será desenvolvida por meio da leitura de um material teórico que discute o conceito sob a perspectiva dos estudos dos/dos/com os cotidianos, evidenciando como essas ações se articulam para promover ou restringir a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No plano procedimental, propõe-se uma reflexão acerca dos desafios e das possibilidades reais para a implementação de políticas inclusivas no contexto do Ensino Superior, estimulando os participantes a analisar suas próprias experiências, limitações institucionais e potenciais para transformação.

A estratégia metodológica adotada consiste na leitura individualizada, realizada por meio de dispositivos eletrônicos com acesso à internet, permitindo que cada participante avance em seu próprio ritmo e construa autonomamente o significado do conteúdo. Essa etapa busca fomentar um olhar crítico e sensível sobre a realidade institucional, a partir de uma categoria que problematiza e ressignifica a forma como a inclusão é compreendida e operacionalizada na educação superior.

Como suporte para essa etapa, serão disponibilizados os seguintes materiais: um artigo acadêmico que aprofunda o conceito (<https://www.scielo.br/j/es/a/mJZwtkYBWLNGDgyRZGVbSwF/?format=pdf&lang=pt>), um vídeo explicativo (<https://www.youtube.com/watch?v=pwZbxo9-YsQ>), e uma atividade interativa em formato de palavras cruzadas relacionada ao texto (<https://pt.ohmydots.com/play/n4jhpwq1/palavras-cruzadas-texto-politicas-praticas>).

II. DIÁLOGO ENTRE BOAVENTURA E NILDA GUIMARÃES

Iniciando o momento “montando o quebra-cabeça” na etapa 2 da oficina, será abordado o diálogo entre as teorias que fazem parte do aporte teórico da pesquisa, conforme Quadro 5, a seguir:

Quadro 4: Resumo da Etapa 2

DIÁLOGO ENTRE BOAVENTURA E NILDA GUIMARÃES				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Integrar conceitos-chave dos autores para formular estratégias práticas.	Apresentação das teorias de Boaventura de Sousa Santos e Nilda Guimarães, destacando pontos em comum.	Discussão sobre implicações práticas.	Leitura Individualizada.	Dispositivo Eletrônico

Elaborado pelos autores

A segunda etapa da oficina, intitulada Diálogo entre Boaventura e Nilda Guimarães, será desenvolvida remotamente ao longo de uma hora-aula e tem como objetivo central promover a articulação entre os referenciais teóricos desses dois autores, estabelecendo conexões entre seus conceitos fundamentais e as possibilidades de aplicação prática no cotidiano educacional. Por meio de leitura individualizada, os participantes serão convidados a conhecer e refletir sobre os fundamentos da ecologia dos saberes e da *sociologia das ausências*, propostos por Boaventura de Sousa Santos, bem como sobre as contribuições de Nilda Alves, especialmente no que se refere aos *estudos dos/dos/como cotidianos* e à noção de *usar fazer* na construção do currículo praticado.

A abordagem conceitual desta etapa visa apresentar os pontos de interseção entre os dois autores, que, embora provenientes de contextos diferentes, dialogam na defesa da valorização dos saberes plurais e da escuta atenta às experiências vividas nos espaços educativos. No plano procedimental,

propõe-se que os participantes reflitam sobre as implicações desses referenciais para suas práticas docentes, especialmente no que tange à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior. A organização da atividade será individual, com uso de dispositivos eletrônicos e acesso à internet, proporcionando autonomia e foco na internalização crítica dos conteúdos. Esta etapa é fundamental para consolidar os fundamentos teóricos da oficina e para estimular uma postura investigativa e reflexiva diante das práticas pedagógicas inclusivas.

Como apoio à atividade, serão utilizados o artigo disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/13/reflexotildees-que-tramam-a-teoria-de-nilda-alves-pensar-os-cotidianos-producedilatildeo-de-sentidos-redes-educativas-e-artefatos-nos-cotidianos> e a atividade interativa de caça-palavras relacionada aos conceitos discutidos, acessível em <https://pt.ohmydots.com/play/l578a1kb/caca-palavras-dialogos-nilda-alves>.

III. O PENSAMENTO ABISSAL E A INVISIBILIZAÇÃO DO TEA NO ENSINO SUPERIOR

Continuando com o momento “montando o quebra-cabeça” na etapa 3, será apresentado os pressupostos estabelecidos pelo pensamento abissal e pós abissal, especificamente por meio da ecologia de saberes (Santos, 2007), conforme o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5: Resumo da Etapa 3

O PENSAMENTO ABISSAL E A INVISIBILIZAÇÃO DO AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Compreender o conceito de	Exploração do conceito de	Reflexão sobre a importância de	Leitura Individualizada.	Dispositivo Eletrônico

<p>pensamento abissal e sua relação com a invisibilidade do TEA. Analisar como a invisibilização impacta as experiências educacionais dos estudantes com TEA.</p>	<p>pensamento abissal e sua relação com a invisibilidade de discentes com TEA no Ensino Superior.</p>	<p>superar a invisibilização.</p>		
---	---	-----------------------------------	--	--

Elaborado pelos autores.

A terceira etapa da oficina, intitulada O pensamento abissal e a invisibilização do autismo no Ensino Superior, será realizada de forma remota com duração de uma hora-aula. Esta atividade propõe a análise crítica do conceito de pensamento abissal, desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos, no intuito de refletir sobre os mecanismos de exclusão que perpetuam a invisibilidade de determinados grupos sociais, entre eles os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No contexto do Ensino Superior, essa invisibilidade manifesta-se na ausência de políticas efetivas de inclusão, na desconsideração das especificidades desses estudantes nos currículos e na escassez de formação docente adequada para atendê-los.

A abordagem conceitual se concentra na apresentação e discussão do pensamento abissal como um sistema de linha divisória que separa o que é considerado legítimo e visível do que é descartado como inexistente. A partir dessa perspectiva, os participantes serão incentivados a refletir sobre como as estruturas institucionais contribuem para o apagamento das necessidades dos discentes com TEA e de que maneira essa exclusão simbólica se traduz em práticas pedagógicas negligentes ou ineficazes. A abordagem procedimental envolve a promoção de uma reflexão individual sobre as práticas educacionais adotadas na própria instituição e os caminhos possíveis para a superação dessa

invisibilização. Por meio de leitura individualizada, com apoio de dispositivos eletrônicos e acesso remoto, espera-se estimular o engajamento crítico dos participantes e a problematização de suas posturas diante das desigualdades educacionais persistentes no Ensino Superior.

Como recursos de apoio à atividade, serão utilizados o artigo disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/44082/html> e o vídeo acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=dvtjy0dKFE0&t=365s>.

IV. LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO

Ainda no momento “montando o quebra-cabeça” na etapa 6 da oficina, será apresentado a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), conforme disposto no Quadro 7, a seguir:

Quadro 6: Resumo da Etapa 4

LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Familiarizar os docentes com os princípios e diretrizes da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) no contexto específico de estudantes autistas. Capacitar os	Exploração dos fundamentos da Lei Brasileira de Inclusão, com foco nos direitos das pessoas com deficiência, incluindo autistas. Compreensão do conceito de inclusão educacional e	Orientações para adaptar o ambiente acadêmico e práticas pedagógicas às necessidades individuais dos estudantes autistas. Implementação de ações afirmativas que promovam a inclusão e a participação ativa. Respeito aos direitos de acessibilidade e	Dispositivo Eletrônico	Dispositivo Eletrônico.

docentes para implementar práticas inclusivas e respeitar os direitos dos estudantes autistas no ensino superior.	social. Reconhecimento das necessidades específicas dos estudantes autistas.	acompanhamento necessário.		
---	---	----------------------------	--	--

Elaborado pelos autores.

A etapa intitulada Lei Brasileira de Inclusão será realizada remotamente, com duração de uma hora-aula, e tem como finalidade principal familiarizar os docentes com os princípios, diretrizes e dispositivos legais estabelecidos pela Lei nº 13.146/2015, também conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Essa etapa busca aprofundar o entendimento sobre os direitos assegurados às pessoas com deficiência, com ênfase nos estudantes com TEA, destacando a importância do reconhecimento de suas necessidades específicas no contexto do Ensino Superior.

Na abordagem conceitual, serão explorados os fundamentos legais da LBI, contemplando os direitos à acessibilidade, à participação plena e à igualdade de oportunidades educacionais e sociais, promovendo uma compreensão ampliada sobre *inclusão*. No âmbito procedimental, serão discutidas orientações e estratégias para a adaptação do ambiente acadêmico e das práticas pedagógicas, visando a implementação de ações afirmativas que garantam a efetiva participação e permanência dos estudantes autistas, respeitando suas particularidades e assegurando o acompanhamento necessário. O uso de dispositivos eletrônicos possibilitará a leitura e reflexão individualizada dos conteúdos, estimulando a incorporação dessas diretrizes no cotidiano docente e institucional, de forma a transformar a legislação em práticas pedagógicas concretas.

Como recursos de apoio à atividade, serão utilizados o texto da Lei disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm e o vídeo acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=B8e5ZjDjNR0&t=1s>.

V. QUEM SÃO OS DISCENTES COM TEA?

Na etapa 5, que compõe o momento “montando o quebra-cabeça” serão apresentadas as características comuns dos estudantes com TEA, conforme estabelecido no Quadro 6. Será conceituado o que é o Transtorno do Espectro Autista, é resultado de alterações físicas e funcionais do cérebro e está relacionado ao desenvolvimento motor, linguagem e comportamental. O TEA afeta o comportamento da criança e segue até a fase adulta. Os primeiros sinais podem ser notados em bebês nos primeiros meses de vida.

Quadro 7: Resumo da Etapa 5

QUEM SÃO OS DISCENTES COM TEA?				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Identificar as características comuns dos estudantes com TEA.	Desmistificação de estereótipos e definição das características dos discentes com TEA.	Comparar as diversas manifestações do TEA em diferentes contextos acadêmicos.	Exposição oral Abrir para comentários.	Apresentação Individual.

Elaboração pelos autores.

A etapa denominada Quem São os Discentes com TEA? será conduzida remotamente, com duração de uma hora-aula, e tem como objetivo identificar e compreender as características comuns dos estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista. Nesta etapa, busca-se desmistificar estereótipos

frequentemente associados ao *TEA*, promovendo uma visão baseada em evidências científicas que destaca a diversidade das manifestações do transtorno, bem como suas implicações no contexto acadêmico.

Do ponto de vista conceitual, a atividade visa apresentar definições claras e atualizadas sobre o TEA, abordando aspectos cognitivos, comportamentais e sociais que influenciam a experiência educativa desses discentes. Na abordagem procedimental, será realizada uma comparação das diferentes formas como o TEA pode se manifestar durante a trajetória acadêmica, enfatizando a necessidade de reconhecer a singularidade de cada estudante e a importância da flexibilidade nas práticas pedagógicas.

A estratégia adotada envolverá uma exposição oral seguida de espaço para comentários e discussões, utilizando dispositivos eletrônicos para acesso aos conteúdos e para a interação dos participantes, garantindo um ambiente propício para a reflexão crítica e a construção coletiva do conhecimento sobre o tema.

Como recursos complementares, serão utilizados o texto disponível em <https://www.scielo.br/j/pee/a/fvzHNXfHzkFcPTMkcY9gPxd/> e o vídeo acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=8KkAxTFmNil>.

VI. MITOS

Seguindo com o momento “montando o quebra-cabeça”, na etapa 6 da oficina será abordado os mitos e afirmativas equivocadas relacionadas ao TEA, conforme o planejamento disposto no Quadro 9, a seguir.

Quadro 8: Resumo da Etapa 6

MITOS				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS

<p>Analisar mitos comuns associados ao TEA. Criar argumentos para refutar mitos e promover uma compreensão mais precisa do TEA.</p>	<p>Desconstrução de mitos comuns sobre discentes com TEA.</p>	<p>Compartilhamento de experiências e evidências para refutar mitos.</p>	<p>Leitura Individualizada.</p>	<p>Dispositivo Eletrônico.</p>
---	---	--	---------------------------------	--------------------------------

Elaboração pelos autores.

A etapa intitulada *Mitos* será realizada de forma remota, com duração de uma hora-aula, e tem como objetivo principal analisar e desconstruir os mitos mais comuns associados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa atividade busca promover uma compreensão mais precisa e científica sobre o TEA, contribuindo para a superação de preconceitos e falsas concepções que podem prejudicar a inclusão e o atendimento adequado aos estudantes autistas no Ensino Superior.

No aspecto conceitual, a etapa se dedica à identificação e análise crítica das crenças equivocadas que circulam em diferentes contextos, especialmente no ambiente acadêmico, sobre as capacidades, comportamentos e necessidades dos discentes com TEA. Procedimentalmente, são promovidas oportunidades para o compartilhamento de experiências e apresentação de evidências científicas que auxiliem na refutação desses mitos, favorecendo o desenvolvimento de argumentos fundamentados para a promoção de práticas inclusivas e respeitosas.

A metodologia adotada envolve leitura individualizada de materiais selecionados, apoiada pelo uso de dispositivos eletrônicos, garantindo que os participantes possam refletir de forma autônoma e aprofundada, seguida de momentos para a sistematização das ideias em apresentações individuais, consolidando o aprendizado.

Recursos utilizados:

- **Texto principal:**
https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-51622021000200017
- **Vídeo:** <https://www.youtube.com/watch?v=QogyjRNed48>
- **Leitura complementar I:**
<https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/4359/3089>
- **Leitura complementar II:** <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>

VII. TEA EM SALA DE AULA

Em seguida, na etapa 7 da oficina no momento “montando o quebra-cabeça” será elencado os comportamentos esperados em sala de aula, estratégias de intervenção e o que se deve observar o fim de investigar potenciais indicadores, conforme o Quadro 9, a seguir:

Quadro 9: Resumo da Etapa 7

TEA EM SALA DE AULA				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Apresentar de estratégias específicas para promover um ambiente de sala de aula inclusivo.	Definição de comportamentos esperados e estratégias de apoio para discentes com TEA.	Análise do que deve ser observado em sala a fim de identificar potenciais indicadores de TEA.	Leitura Individualizada.	Dispositivo Eletrônico.

Elaboração dos autores.

A etapa intitulada TEA em sala de aula será realizada remotamente, com duração de uma hora-aula, e tem como objetivo apresentar estratégias específicas que favoreçam a criação de um ambiente educacional inclusivo para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa etapa busca fornecer aos docentes conhecimentos e ferramentas práticas para adequar suas práticas pedagógicas, promovendo o respeito às diferenças e o apoio necessário para o desenvolvimento acadêmico e social desses discentes.

Do ponto de vista conceitual, serão discutidos os comportamentos típicos e as necessidades específicas dos estudantes com TEA, assim como as estratégias pedagógicas de apoio que podem ser adotadas para facilitar a participação e a aprendizagem desses alunos. No aspecto procedimental, haverá uma análise detalhada dos sinais e indicadores que podem ser observados no contexto da sala de aula, permitindo aos docentes identificar potenciais demandas e responder de maneira adequada.

A metodologia prevista envolve leitura individualizada de materiais selecionados, acessados via dispositivo eletrônico, seguida de apresentações individuais que propiciam reflexão e sistematização do conteúdo abordado, contribuindo para a construção de práticas inclusivas efetivas.

Texto:

<https://www.researchgate.net/publication/346636014> Desafios da inclusão a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior

Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=PBir_qSfa-M

VIII. CAPACITISMO? AGORA, NÃO!

Dando sequência ao momento “montando o quebra-cabeça”, apresentaremos na etapa 8 da oficina, expressões que são capacitistas, que não podem permanecer no vocabulário docente.

Quadro 10: Resumo da Etapa 8

CAPACITISMO? AGORA, NÃO!				
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/a (remoto).				
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Conhecer falas capacitistas.	Discussão sobre as falas.	Realização de reflexões sobre as falas, revertendo as falas.	Leitura Individualizada.	Dispositivo Eletrônico.

Elaboração dos autores.

A etapa denominada Capacitismo? Agora, não! está prevista para ser realizada remotamente, com duração de uma hora-aula, e tem como objetivo promover o reconhecimento e a compreensão das falas capacitistas que ainda permeiam ambientes educacionais e sociais. O foco é sensibilizar os docentes para a identificação dessas expressões e atitudes que reforçam preconceitos e barreiras contra pessoas com deficiências, incluindo estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Na abordagem conceitual, serão discutidas as características do capacitismo, suas manifestações cotidianas e o impacto negativo que essas falas podem causar no processo de inclusão e no respeito à diversidade. Procedimentalmente, a atividade consiste na realização de reflexões críticas que buscam desconstruir e reverter essas falas capacitistas, fomentando uma postura ativa e transformadora por parte dos docentes. A estratégia utilizada será a leitura individualizada de textos selecionados, utilizando dispositivos eletrônicos para acesso ao conteúdo, seguida de apresentação individual, proporcionando um momento de autoconhecimento e construção de uma prática docente mais inclusiva e livre de preconceitos.

Texto: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-e-capacitismo-e-por-que-todos-deveriam-saber/>

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=TGBO1f-dYag>

IX. PRÁTICAS DE INCLUSÃO

No encontro presencial para roda de conversa, foi utilizado o recurso didático nuvem de palavras com a intencionalidade pedagógica de promover a narrativa das concepções que os participantes possuam sobre o tema, conforme apresentado no quadro 11, a seguir:

Quadro 11: Resumo da Etapa 9

DINÂMICA NUVEM DE PALAVRAS ON-LINE					
TEMPO DE DURAÇÃO: 2h/a presencial					
OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE
<p>Utilizar ferramentas digitais para criar e compartilhar a nuvem de palavras colaborativa.</p> <p>Analisar diferentes perspectivas sobre TEA expressas na nuvem de palavras criada.</p>	<p>Exploração da pluralidade de conceitos relacionados ao TEA por meio da criação colaborativa de uma nuvem de palavras on-line.</p>	<p>Uso de ferramentas digitais para a criação da nuvem, facilitação de discussões sobre as palavras escolhidas e suas conexões com o tema.</p>	<p>Aplicativo Mentimeter</p> <p>Exposição oral dialogada</p>	<p>Celular ou tablet</p> <p>Data Show</p> <p>Internet.</p> <p>Nuvem de palavras.</p>	<p>Preenchimento individual.</p> <p>Os participantes serão convidados a acessar um QR-CODE uma nuvem de palavras on-line para contribuir com a palavra que represente o primeiro pensamento ao ouvir o tema Autismo.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

A etapa intitulada Dinâmica Nuvem de Palavras On-line tem duração prevista de duas horas-aula, com realização presencial, e objetiva promover o uso de ferramentas digitais para a criação e compartilhamento colaborativo de uma nuvem de palavras sobre o TEA. Essa atividade permite explorar a pluralidade de conceitos, percepções e sentimentos relacionados ao TEA a partir da contribuição conjunta dos participantes, estimulando a reflexão coletiva e o diálogo sobre o tema.

No plano conceitual, a dinâmica favorece a análise das diferentes perspectivas manifestadas na nuvem de palavras, evidenciando a diversidade de entendimentos e representações presentes no grupo. Já na abordagem procedimental, utilizam-se aplicativos digitais, como o Mentimeter, para facilitar a construção da nuvem, além da moderação de discussões sobre as palavras escolhidas, sua relevância e suas conexões com o tema estudado.

A estratégia consiste em uma exposição oral dialogada, em que os participantes são convidados a acessar um QR-code que direciona para a plataforma on-line da nuvem de palavras, contribuindo com a palavra que primeiro lhes vem à mente ao ouvir o termo Autismo. A atividade requer recursos tecnológicos como celular ou tablet, conexão com internet e data show para a visualização coletiva da nuvem gerada. A organização prevê o preenchimento individual, seguido da apresentação e discussão coletiva, promovendo um ambiente de aprendizagem participativo e inclusivo.

Após a reflexão da nuvem de conversa, será aberto aos docentes um momento de roda de conversa, com o objetivo de autoformação, trabalhando as temáticas coletadas na pesquisa tais como: planejamento das aulas, organização das avaliações e discussão do comportamento em sala.

Quadro 12: Resumo da Etapa 12

PRÁTICAS DE INCLUSÃO
TEMPO DE DURAÇÃO: 1h 30 min (presencial)

OBJETIVOS	ABORDAGEM CONCEITUAL	ABORDAGEM PROCEDIMENTAL	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE
Propor reflexão sobre as temáticas levantadas.	Discussão sobre as falas.	Realização de reflexões sobre as falas.	Exposição oral. Abrir para discussão.	Disposição em círculo, cadeiras.	Apresentação Individual.

Elaboração dos autores.

A etapa denominada Práticas de Inclusão possui duração aproximada de uma hora e trinta minutos e tem como objetivo principal propor uma reflexão crítica e aprofundada sobre as temáticas previamente levantadas durante a oficina. No aspecto conceitual, realiza-se uma discussão dirigida acerca das falas dos participantes, buscando ampliar a compreensão sobre as práticas inclusivas e seus desafios no contexto do ensino superior para estudantes com TEA.

Do ponto de vista procedimental, promove-se a realização de reflexões individuais e coletivas, estimulando a problematização e o compartilhamento de experiências e ideias que possam contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e inclusivas.

A estratégia adotada consiste em uma exposição oral seguida de abertura para discussão, favorecendo um ambiente dialógico e participativo. Para tanto, a organização da atividade prevê a disposição dos participantes em círculo, utilizando cadeiras para facilitar a comunicação direta e o engajamento de todos os presentes. Essa dinâmica visa fortalecer o sentimento de pertencimento e colaboração, elementos essenciais para o desenvolvimento de políticas e práticas educativas inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos participantes da oficina oferecerão pistas relevantes para a construção do produto educacional, indicando que este se alinha à proposta de justiça cognitiva formulada por Boaventura de Sousa Santos (2018). Essa inferência baseia-se na compreensão de que responder adequadamente às necessidades educacionais de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um caminho para ampliar suas oportunidades de aprendizagem, participação e desenvolvimento intelectual, rompendo com padrões homogêneos de ensino que historicamente excluem as diferenças.

A justiça cognitiva, conforme proposta por Santos (2018), demanda o reconhecimento de uma pluralidade de saberes e formas de conhecer o mundo. No contexto educacional, isso implica superar a centralidade de uma racionalidade única e hegemônica e valorizar os modos diversos de aprender e ensinar, especialmente quando se trata de estudantes que desafiam as normativas tradicionais da escola e da universidade.

Nesse sentido, Oliveira (2013) reforça que o processo educativo deve estar ancorado na ecologia dos saberes, isto é, em uma perspectiva que reconhece e valoriza os conhecimentos produzidos nas experiências cotidianas, nas relações interpessoais e nos modos singulares de ser e aprender. Quando aplicada à formação docente, essa perspectiva contribui para que educadores desenvolvam uma escuta sensível e uma prática pedagógica comprometida com a inclusão de todos, especialmente dos sujeitos historicamente invisibilizados, como os estudantes com autismo.

Preparar docentes para identificar, compreender e responder às necessidades específicas dos estudantes com TEA é, portanto, um dos pilares da construção de uma educação verdadeiramente inclusiva e justa. Isso requer tanto o domínio de conhecimentos científicos atualizados sobre o transtorno quanto a capacidade de refletir criticamente sobre as práticas pedagógicas e os discursos institucionalizados que ainda sustentam lógicas excludentes.

O produto educacional aqui delineado propõe-se, assim, a contribuir com esse movimento de transformação, articulando teoria e prática por meio de uma proposta formativa que não apenas informa, mas provoca e engaja os professores em um processo reflexivo, coletivo e contínuo de revisão de suas práticas e concepções. Ao valorizar as experiências docentes e propor atividades que dialogam com o cotidiano, a oficina assume a função de ferramenta de empoderamento e sensibilização, contribuindo para a construção de um ambiente acadêmico mais equitativo, ético e humanizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Continuando a conversa. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 9-14.

ALVES, N. Prefácio. In: LOUREIRO, F.B. LAYRARGUES, P.P; CASTRO, R. S. de C. (orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Nilda. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **Sobre novos e velhos artefatos curriculares – suas relações com docentes, discentes e muitos outros**. In: FERRAÇO, C. E. (org.). Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovellet, 2001. p. 71-83.

_____. **Formação de educadores: Um compromisso com a qualidade do ensino**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (org.) **Criar currículo no cotidiano**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008a.

_____. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008b.

_____. **O trabalho coletivo na escola: Parceria com as famílias.** Campinas: Papirus.2009.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na Universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5ª ed. Joinville: Univille, 2015. p.96.

BELLEI, Sérgio. **Universidade, Mercado e Crise do Pensamento.** In: RISTOFF, D. e SEVEGNANI, P. (org.). *Universidade e Compromisso Social.* Coleção Educação Superior em Debate. Brasília, 2006.

CANAL, Sandra. **A inclusão do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação superior.** 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2021.

CUNHA, A. M de O.; BRITO, T. T. R.; CICILLINI, G. A. Dormi aluno (a)... Acordei professor (a): interfaces da formação para o exercício do ensino superior. **Políticas de Educação Superior**, v. 29, p. 1-15, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas e sinais.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

GOMES, A.L.L. e BARBOSA, H. F. **A inclusão de Pessoas com Autismo no Ensino Superior: Percepções Discentes sobre o ingresso à universidade.** Editora Realize. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA11_ID7937_14082019172218.pdf>. Acesso em: 18 Out 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados:** entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Inês. Barbosa de. **Currículo e processos de aprendizagemensino:** Políticaspráticas Educacionais Cotidianas. Currículo sem Fronteiras, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013. Disponível em: https://www.curriculosemfronteiras.org/vol13i_ss3articles/oliveira.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana.** Petrópolis, RJ: DP&A; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. 136 p.

OLIVEIRA, Inês. Barbosa de. **Currículo e processos de aprendizagemensino:** Políticaspráticas Educacionais Cotidianas. Currículo sem Fronteiras, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013. Disponível em: https://www.curriculosemfronteiras.org/vol13i_ss3articles/oliveira.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

OLIVEIRA, I. B. **Educação bancária é emissão de conteúdos: transmissão exige comunicação dialógica.** Revista de Comunicação Dialógica, Rio de Janeiro, n. 5, p. 9- 30, jan./jun. 2021.

PINEAU, Gaston. **As história de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial**. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329- 343, maio/jun. 2006.

REZENDE, R.M.C. **Formação docente para inclusão do aluno com transtornos do espectro autista no ensino superior**. 2019.152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, 2019.

SANTOS, B. D. S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais, n. 63, p. 237-280, Outubro 2002.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos CEBRAP 79, São Paulo, novembro 2007. 71-94.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo. 2007.

_____. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez.2014.

_____. **Boaventura de Sousa Santos fala sobre 'Rap Global'**. O Globo, São Paulo, 24 julho 2010. Disponível em:<<http://WWW.cee.fiocruz.br/?q=boaventura-o-colonialismo-e-o-seculo-xxi>>.Acesso em 28/12/2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial**. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

_____. **A Cruel pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SANTOS, B. S.; NUNES, J. A. **Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. In: **SANTOS, S. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25-68.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

